

A REAL FABRICA DE PORCELANA DA VISTA ALEGRE, O REI D. FERNANDO II E A CONDESSA D'EDLA, PARTE 2

THE ROYAL PORCELAIN FACTORY OF VISTA ALEGRE, KING FERDINAND II AND THE COUNTESS D'EDLA, PART 2

[10.29073/heranca.v6i2.597](https://doi.org/10.29073/heranca.v6i2.597)

Receção: 14/02/2022 Aprovação: 01/09/2022 Publicação: 13/05/2023

António Francisco Arruda de Melo Cota Fevereiro ^a,

^aARTIS — Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, antoniofranciscocotafevereiro@gmail.com

RESUMO

O objectivo deste artigo é apresentar toda a documentação que sustenta o historial e a contextualização encetado na Parte 1 desta investigação concernente aos serviços de mesa, de sobremesa e de café e aos aparelhos à francesa encomendados em 1867 pelo Rei D. Fernando II e por Elisa Hensler, futura Condessa d'Edla, à Vista Alegre. No decorrer do estudo observaram-se as marcas da fábrica existentes nas peças e divergem da datação actualmente estabelecida pela própria Vista Alegre, que admitiu não haver ainda um trabalho aprofundado sobre as marcas oitocentistas. O presente artigo partiu igualmente do cotejamento de documentação em arquivo com bibliografia e com peças existentes em arquivo.

Palavras-Chave: Família Real Portuguesa, Palácio Nacional da Pena, Palácio das Necessidades, Porcelana, Sèvres

ABSTRACT

The aim of this article is to present all the documentation that supports the history and contextualization started in Part 1 of this research concerning the table, dessert and coffee services and the tea and coffee services à la française ordered in 1867 by King Fernando II and by Elisa Hensler, future Countess of Edla, at Vista Alegre. In the course of the study, the existing factory marks on the pieces were observed, and they diverge from the dating currently established by Vista Alegre itself, which admitted that there was still no in-depth work on the 19th century marks. This article also resulted from the collation of documentation held in archive with bibliography and pieces held by museums.

Keywords: Portuguese Royal Family, Pena National Palace, Necessidades Palace, Porcelain, Sèvres

1. OS SERVIÇOS ADQUIRIDOS EM 1867 PELO REI D. FERNANDO

Ao serviço de mesa, de sobremesa e de café encomendado pelo Rei D. Fernando na factura N.º 95 não atribuíram designação no topo das colunas, mas conseguimos estabelecer que a

quarta coluna, a contar da esquerda para a direita refere-se a quantidades, daí a sigla Q.; a seguinte é o preço unitário (P. unit.) e a última o preço total (P. total). As designações das tipologias foram transcritas do documento original¹.

Tabela 1 - Factura N.º 95 do serviço de mesa, de sobremesa e de café do Rei D. Fernando II

	<i>Designação</i>	<i>Q.</i>	<i>P. unit.</i>	<i>P. total</i>
10728	Pratos de guardanapo com corôa	72	860	61\$920
	Ditos sopeiros corôa	25	860	21\$500

¹ Queremos agradecer ao director do Palácio Nacional da Pena o Arquitecto António Nunes Pereira todo o apoio e a cedência de imagens para a realização deste trabalho, ao

Doutor Hugo Xavier, à Doutora Mariana Schedel e à museóloga Sara Gonçalves por nos terem facultado os números de inventário e o acesso às peças.

		Meios pratos - frutas - e corôa	36	1100	39\$600	
5		Terrinas e pratos corôa	2	3300	6\$600	
		Mostardeiras corôa	2	1200	2\$400	
		Molheiras e pratos corôa	2	2000	4\$000	
		Pimenteiros corôa	2	1200	2\$400	
		Saleiros corôa	2	1200	2\$400	
		Caixa			\$800	141\$620
10729	1	Terrinas e pratos e corôa	2	8250	16\$500	
	2	D.as	2	7:040	14\$080	
		Pratinhos - frutas - e corôa	38	860	32\$680	
	6	Travessas corôa	1		1\$100	
		Caixa			\$800	65\$160
10730	2	Travessa com palma e corôa	1		4\$910	
		D.a Esguia corôa	1		4\$910	
	2	D.as corôa	2	3850	7\$700	
	3	D.as corôa	2	2500	5\$000	
	4	D.as corôa	4	2200	8\$800	
	5	Travessas	4	1650	6\$600	
	6	D.as	3	1100	3\$300	
	2	Pratos cobertos com corôa	4	3300	13\$200	
	1	Selladeiras	2	2200	4\$400	
		Aßsucareiros	2	2500	5\$000	
		Salvas de pé baixo - frutas - e corôa	4	2750	11\$000	
		Caixa			\$800	75\$620
10731		Fruteiros com corôa	2	4400	8\$800	
		Salvas altas corôa	4	3300	13\$200	
	1	Pratos cobertos corôa	4	4400	17\$600	
		Pares de chav. p.a café	24	1040	24\$960	
		Caixa			\$800	65\$360
10732		Apparelho á Francesa com armas	1		99\$000	
		Caixote			\$440	99\$440
		Frete ate ao caminho de ferro				\$600
						447\$800

Fonte: Fundação da Casa de Bragança, Arquivo Histórico Casa de Bragança, Secretaria Rei D. Fernando II, Documentos de despesa de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, Outubro de 1867, 1867, NNG 3342, doc. 24

No entanto, esta encomenda foi reforçada com 336 referida, na tabela que se segue (Tabela 2).
mais peças e tipologias, segundo a factura N.º 2).

Tabela 2 - Factura N.º 336 do serviço de mesa e de sobremesa do Rei D. Fernando II

<i>Designação</i>	<i>Q.</i>	<i>P. unit.</i>	<i>P. total</i>
1 Pratos para os cobertos	4	1650	6\$600
2 Ditos	4	1320	5\$280
Saleiros	10	1200	12\$000
Conserveiras	12	880	10\$560
Pratos de guardanapo	24	860	20\$640
Oveiros	24	500	12\$000

2	Traveças	2	3850	7\$700
3	Ditas	2	2500	5\$000
1	Dita para redovalho	1		5\$000
	Platós com 12 canequinhas para creme	2	15:400	30\$800
	Fruteiro	1		4\$400
	Chavena	1		2\$500
	Caixa			1\$000
	Frete até Aveiro e carroto d'ali à estação			\$200
				123\$480
				123\$680

Fonte: Fundação da Casa de Bragança, Arquivo Histórico Casa de Bragança, Secretaria Rei D. Fernando II, Documentos de despesa de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, Outubro de 1867, 1867, NNG 3342, doc. 24

O serviço de mesa compreendia todas as tipologias necessárias aos vários pratos confeccionados e colocados nas terrinas¹, nos pratos cobertos, nas travessas², nas molheiras e nas saladeiras. Usadas com as mostardeiras, os saleiros e os pimenteiros, que continham os condimentos para apurar o gosto da comida, e com as conserveiras, apropriadas para servir conservas ou azeitonas. Parte destas tipologias eram colocadas na mesa e a restante nos aparadores, para depois serem servidas pelos criados aos comensais na mesa durante a refeição. Na mesa estavam as peças individuais constituídas pelos pratos de guardanapo³, pratos sopeiros⁴, pratos de sobremesa⁵ e pratos de doce⁶ e pelos oveiros, que iam sendo substituídos uns pelos outros de acordo com os alimentos confeccionados.

Os pratos de sobremesa e de doce eram usados conjuntamente com o restante serviço composto pelas salvas⁷ e pelos fruteiros⁸, colocados na mesa desde o início da refeição, onde se exibiam frutas frescas, frutas confeitadas e flores. As porta-cremeiras⁹ e os açucareiros ficavam nos aparadores até ser servida a sobremesa, para finalizar a refeição.

Este procedimento é o denominado *service à la russe*¹⁰, em voga desde o início do século XIX¹¹, em detrimento do *service à la française*¹², em que as tipologias para conter os alimentos confeccionados eram colocadas na mesa e cada comensal servia-se dos vários alimentos no decurso da refeição.

As chávenas de café deveriam ser usadas com serviços em prata depois da refeição, provavelmente na *Sala do Café*, ou noutro espaço escolhido, no Palácio da Pena¹³.

¹ Muitos dos serviços coevos também tinham terrinas pequenas, com tampa, para molho.

² Uma com alma e não palma como foi descrita na factura. A palavra palma foi usada porque a peça assemelhava-se à forma de uma palma.

³ Tinham esta designação porque se coloca o guardanapo no centro do prato. Também são designados como rasos ou como chatos.

⁴ Designação coeva e que nos dias de hoje designamos por pratos de sopa.

⁵ Na factura foram mencionados como meios pratos. Actualmente, o prato de sobremesa também é designado como prato de fruta.

⁶ No documento aludido foram designados como pratinhos. Os pratos de doce também podem ser servidos em refeições leves, como por exemplo o chá. No Reino Unido são designados como tea plates ou side plates.

⁷ As salvas mais profundas podiam conter fruta em calda e as menos profundas fruta confeitada. Nos dias de hoje esta tipologia é comumente designada como fruteiro, mas para elucidarmos o leitor das diferentes tipologias que

compõem o serviço decidimos manter esta designação coeva ao longo do texto.

⁸ Há fruteiros que têm pratos perfurados para fruta fresca e ao centro uma jarra para flores, como o fruteiro da Fábrica da Vista Alegre que se encontra no Palácio Nacional da Pena (PNP, inv. PNP84) e aqui abordado.

⁹ A tipologia a que hoje chamamos de cremeira foi inventada em meados do século XVIII para caldos de carne e tinham tampas para se manterem quentes. Eram colocadas em travessas redondas e servidas durante a refeição. No século XIX gradualmente passaram a ser usadas para doces.

¹⁰ Serviço à russa.

¹¹ Historicamente tem-se atribuído ao príncipe, estadista e diplomata russo Alexander Borisovich Kurakin (1752–1818) a introdução do serviço à russa, por volta de 1810, em França e que rapidamente chegou às restantes cortes europeias.

¹² Serviço à francesa.

¹³ Na factura N.º 336 foi contemplada uma chávena no valor de 2\$500 e que é sensivelmente o dobro do valor de

As tipologias do serviço encomendado pelo Rei D. Fernando vêm no seguimento das análogas de meados do século XVIII e da primeira metade do século XIX e que continuaram até ao início do século XX. Como por exemplo, o serviço de mesa, sobremesa e café¹ encomendado pela primeira mulher, a Rainha D. Maria II, e realizado, antes de 1840, pela manufatura de Jean-Baptiste-Edouard Honoré (?–1855)² de Paris (Correia, 2019: 165–174). Exemplificativo do gosto predominante pela modelação em relevo nas peças para servir e nas individuais, realçada por filetes e

pinturas em dourado. O serviço de sobremesa vem no mesmo seguimento e com decorações em consonância, mas mais preenchido e na superfície central com a representação de flores, frutas, aves e retratos³, como que glorificando o fim da refeição. Este género de decorações nos serviços de sobremesa continuaram com grande sucesso até ao início do século XX e foram produzidos pelas fábricas francesas e inglesas, nomeadamente a Minton e a Copeland & Garrett, entre muitas outras.

Figura 14 - Chávenas para café do serviço da Rainha D. Maria II, Edouard Honoré (1824–1840); chávena 6,5x10,2x8,3Ø cm, pires 3x13,4Ø cm



Fonte: Colecção do autor

A Manufacture de Sèvres também realizou este género de conjuntos, nomeadamente o *service de Cambacérès* realizado em 1807 a pedido do Imperador Napoleão I (1769–1821)

e o *service fond bleu agate*⁴ para a mesa do Rei Luís Filipe I de França (1773–1850) ao gosto grego/etrusco. As peças deste último apresentam uma cercadura azul, com ornatos,

cada chávena de café. Não conseguimos estabelecer se se trata de uma chávena especificamente encomendada ou ter sido uma chávena, por exemplo para chá, dos serviços encomendados ou, ainda, ter sido uma chávena para o *Appareilho à Francesa*. No entanto, há a assinalar a presença de um pires, dos serviços de D. Fernando, no acervo do Museu Vista Alegre (MVA 658) com 2,5 cm de altura e 14 cm de diâmetro.

¹ No mercado leiloeiro apareceram dois pires deste serviço realizados pela Fábrica da Vista Alegre e deverão ter sido feitos para um reforço. Efectivamente, a Vista Alegre utilizou as formas dos pires e as das chávenas (também copiadas e no Museu Vista Alegre há uma com o monograma da Rainha D. Maria II igual à do serviço de café) em decorações próprias, como uma chávena e pires com o monograma BR encimado pela coroa de barão oferecida por Bárbara Inocência Felicidade Allen (1783–1858), esposa do fundador da fábrica, à sua irmã Ermelinda Allen, 1.ª viscondessa da Regaleira (1768–

1858), e aparecem esporadicamente no mercado leiloeiro e antiquariato.

² Edouard Honoré fundou em 1821 a sua própria manufatura e tinha o seu salão de exposição e de vendas no n.º 4 Boulevard Poissonnière em Paris. O atelier onde eram decoradas as peças ficava em Montparnasse na mesma cidade. A fábrica onde eram realizadas as peças de porcelana em branco localizava-se em Champroux Allier (departamento da região de Auvergne-Rhône-Alpes).

³ Na Parte 1 deste artigo aludimos a um prato com a mesma forma dos pratos de sobremesa deste serviço, mas realizado pela Fábrica da Vista Alegre e com o monograma de D. Fernando e as armas reais, pertencente a uma colecção particular.

⁴ Serviço fundo azul ágata.

heras e palmetas em dourado, os pratos os mesmos motivos com uma rosácea central e os pratos de sobremesa *Petites vues* campestres como tema (Desti, 2009: 57–58). Em consonância com a decoração as formas são simples, sem relevo e primam pela sobriedade, como por exemplo as molheiras em *forme lampe avec leurs plateaux*¹ e as *compotiers ovales ou ronds forme étrusque*² (Desti, 2009: 85).

Neste período o Rei Luís Filipe instituiu cinco serviços de mesa e indicados para o *Service des Offices*³, o *Service des Officiers*⁴, o *Service des Bals*⁵, o *Service des Princes*⁶ e o *Services d'apparat*⁷. Os quatro primeiros ostentam o monograma do rei em azul, vermelho ou ouro, enquanto os de aparato são, na generalidade, policromos. No ano de 1849 foi criada a forma *Peyre*⁸ e que veio a ter um sucesso extraordinário depois da ascensão ao poder do Imperador Napoleão III.

No reinado do Imperador Napoleão III as encomendas de serviços continuaram e destinavam-se especificamente para um determinado palácio, como o serviço *aux Oiseaux, de style Louis XV*⁹ para as Tuileries. Começou a ser realizado em 1858 (Desti, 2009: 57–58) e é marcadamente setecentista na modelação das peças, na decoração e nos motivos decorativos, mas modernizado em algumas tipologias e ornatos, com um elevado efeito decorativo e profundamente francês. No entanto, prevaleceram formas mais sóbrias e com um desenho eximamente equilibrado nos restantes serviços que marcaram *Le Second Empire*¹⁰ (1852–1870), em consonância com o gosto greco-romano em voga (Fevereiro, 2019: 181–212). O serviço que se encontra no

Palácio de Compiègne é exemplificativo e tem um filete nas extremidades das peças, decorações nas pegas e o monograma N do imperador coroado, tudo em dourado. O formato da cafeteira é o *Peyre*, provavelmente inspirado em bilhas¹¹, de forma a que o pó fique no fundo e passe o menos possível para a chávena, e a pega tem saliências, ao longo da superfície exterior, para se poder pegar com mais segurança. Esta solução também foi empregue nas pegas das chávenas, dos açucareiros, das leiteiras e dos bules. Como podemos observar num serviço para chá e para café com fundo azul *nuagé*¹² a similar lápis-lazúli¹³ e palmetas ladeadas por ornatos classicistas em dourado, datado de 1868 e com o monograma N coroado composto por: cafeteira, bule, leiteira, açucareiro e chávenas¹⁴. O formato da cafeteira é o mesmo, excepto o desenho da pega que é ligeiramente diferente, num segundo serviço para café, datado de 1870, e cuja decoração é uma reinterpretação dos exemplares setecentistas, com arbustos floridos que ascendem para aparentarem pérgolas, com pássaros esvoaçantes e o monograma N coroado ao centro, em tons policromos maviosos¹⁵. A ultra sofisticação destes serviços deverá ter cativado a atenção da Rainha D. Maria Pia e encomendou em 1864 um de mesa, sobremesa e café à manufatura. Os serviços foram decorados só com um filete e as armas de Portugal e de Itália coroadas em dourado ao centro nos pratos e os de sobremesa têm a aba recortada. As chávenas para café são em três tamanhos e as formas são a *Litron* e a *Peyre* (Reis e Louro, 1987: 98) (Correia, 2008: 118–119)¹⁶.

¹ Em forma de lâmpada com os seus pratos.

² Salvas ovais ou redondas forma etrusca.

³ Serviço dos administrativos.

⁴ Serviço dos oficiais.

⁵ Serviço dos bailes.

⁶ Serviço dos príncipes.

⁷ Serviços de aparato.

⁸ Os arquivos da Manufacture Nationale de Sèvres conservam um projecto para uma cafeteira deste formato e desenhado pelo decorador Jules-Constant-Jean-Baptiste Peyre (1811–1871), com o número de inventário 2011.3.874. Peyre também é uma vila francesa na região de Aveyron.

⁹ Serviço de pássaros, estilo Luís XV.

¹⁰ O Segundo Império.

¹¹ Ver o par de bilhas em prata portuguesa, armoriadas, e que foram o lote n.º 236 do leilão 103, ocorrido a 9 e a 10 de Dezembro de 2020, da leiloeira Veritas de Lisboa.

¹² Enevoado.

¹³ Como na produção de Vincennes pouco antes de se mudarem definitivamente para Sèvres.

¹⁴ Vendido no leilão *Céramiques*, lote n.º 22, dia 27 de Junho de 2008, pela leiloeira Thierry de Maignet de Paris.

¹⁵ A cafeteira, a leiteira, o açucareiro e uma chávena foram vendidos separadamente pelo antiquário francês Harold Hessel no *site online* de antiguidades Expertissim.

¹⁶ Conjuntamente com o serviço a Rainha D. Maria Pia adquiriu, pelo menos, 12 pratos decorativos *Duplessis guirlandes de fleurs est groups d'enfants* (Correia, 2008: 118–119). A referência ao formato do prato refere-se ao

A manufatura de Sèvres frequentemente fornecia serviços e peças decorativas em branco e sem marcas a vários comerciantes de Paris, entre eles os armazéns Grand Dépôt E. Bourgeois, o decorador Le Rosey da Rue de la Paix, o decorador F. Dommartin e o decorador Joseph Klotz (Barbuy, 2019). Contudo, as mesmas também deverão ter sido copiadas por outras manufaturas francesas como as formas Peyre. Efectivamente, as mesmas foram fornecidas a Klotz et cie do decorador de porcelana Joseph Klotz (1825–1917) que se instalou no n.º 192 Rue du Temple e apresentava-se como vendedor de *services de table, vases et biscuit* em 1855 (Didot-Bottin, 1855: 791). Joseph Klotz mudou-se depois para o n.º 22 da Rue de Paradis-Poissonnière em Paris¹ e rapidamente começou a produzir em quantidade e com uma clientela numerosa, como por exemplo um serviço de mesa e de sobremesa especificamente encomendado para o fidalgo micalense Fernando de Quental (1814–1873), pai do poeta Antero de Quental (1842–1891), em que o serviço de mesa tem uma faixa rosa e o monograma FQ na aba dos pratos; o de sobremesa tem a aba recortada, uma faixa verde, com largura

superior, e o monograma ocupa o centro dos pratos². O mesmo Joseph Klotz decorou um serviço de mesa, sobremesa, café, chá e chocolate para a família micalense Raposo do Amaral, em que todas as tipologias têm uma faixa côr de pêssego, ornatos e monograma em preto e em dourado³. Da mesma proveniência foi decorado um serviço de mesa, sobremesa⁴ e café⁵ para o negociante e proprietário português Eduardo da Silva Machado (1841–1903) que ostenta o seu monograma EM em dourado⁶, mas a faixa é amarela e o serviço de sobremesa tem quatro temas e que são: flores, frutas, aves e cenas à Watteau⁷, todas diferentes. O serviço de sobremesa é exemplificativo do elevado efeito decorativo que este género de peças adquiriu na segunda metade de oitocentos.

ourives, escultor e modelador de origem italiana Jean-Claude Chambellan Duplessis (1699–1774) que trabalhou em Vincennes e posteriormente em Sèvres. Os pratos acima mencionados foram arrolados após a Revolução Republicana em 1910 no Palácio de Sintra, residência de veraneio da Rainha D. Maria Pia, e conseguimos identificar um prato no Palácio Nacional de Sintra (PNS, inv. PNS84) e outro no Palácio Nacional de Mafra (PNM, inv. PNM3470). Queremos agradecer ao conservador do Palácio Nacional de Sintra, Fernando Montesinos, a confirmação da localização dos pratos.

¹ Joseph Klotz nasceu a 31 de Outubro de 1825 em Wissembourg e o seu apelido é de origem germânica. Tornou-se pintor de formação em porcelana e instalou-se em Paris por volta de 1843. No ano de 1852 apresentava-se como mercador de porcelana e em 1861 já tinha formado a sociedade Klotz et cie, quando solicitou a 21 de Agosto a autorização para possuir uma prensa litográfica e foi autorizada a 23 de Março de 1863 para ter os seus próprios decalques para aplicar na porcelana. A autorização foi revogada e a 11 de Janeiro de 1864 pediu outra para ter uma segunda prensa litográfica. No ano de 1868 habilitou-se a uma patente com base nas suas litografias para as poder produzir e o seu estabelecimento era considérable et sa clientèle nombreuse. Ver nos Archives Nationales o processo F18 1783.

² O serviço pertenceu à família Quental até meados do século XX e foi vendido aos pais do actual proprietário.

³ Os serviços ainda estão na posse dos descendentes.

⁴ As formas das terrinas, dos pratos cobertos, dos pratos, das salvas de pé alto e das salvas de pé baixo são exactamente as mesmas que as dos serviços realizados para Fernando de Quental. No serviço de Eduardo da Silva Machado encontramos a marca prensada da fábrica Henri Ardant & Cie. (1858–1884) de Limoges. A mesma deverá ter fornecido a Joseph Klotz as peças em branco para serem decoradas dos serviços aqui mencionados.

⁵ O serviço de mesa é composto por 2 terrinas, 4 pratos cobertos, 2 molheiras, 6 conserveiras, 5 travessas, 1 travessa para peixe, 1 prato fundo, 2 saladeiras, 66 pratos rasos e 15 pratos de sopa. O serviço de sobremesa tem 4 salvas de pé alto, 2 salvas de pé baixo e 35 pratos de sobremesa. O serviço de café tem 15 chávenas com pires.

⁶ Adquirido por nós a um dos seus descendentes.

⁷ As cenas representadas são no género das que o pintor francês Jean-Antoine Watteau (1684–1721) realizou e crê-se ter sido o criador do tema *fêtes galantes* (festas galantes). Também pintou cenas bucólicas, pastoris e idílicas, inspiradas, algumas, na *commedia dell'arte* (forma de teatro popular que apareceu no século XV em Itália e posteriormente desenvolveu-se em França).

Figura 15 - Parte do serviço de sobremesa de Eduardo da Silva Machado, Joseph Klotz e Henri Ardant & Cie (c. 1861–1881); salva d pé alto 11,8x21,5Ø cm, salva de pé baixo 3x22,5Ø cm, prato 2,3x21,1Ø cm



Fonte: Coleção do autor

As mesmas formas dos pratos anteriores¹ foram usadas no remanescente serviço de sobremesa do Club Micaelense fundado em 1857 na cidade de Ponta Delgada, ilha de São Miguel, e não ostentam marcas. Os pratos têm uma faixa azul a ocupar na totalidade as mesmas e representações policromas de flores no centro. As salvas e os fruteiros seguem a mesma decoração e os açucareiros são em forma de naveta com tampa e prato². No mesmo clube há uma quantidade de chávenas para chá cuja forma e pega são claramente baseadas nas de Sèvres, com flores policromas espalhadas ao gosto do século XVIII³.

O recurso a faixas coloridas vem desde o século XVIII e podiam ter sobreposições ou serem ladeadas por motivos decorativos,

como nos serviços de Sèvres realizados de 1781 a 1782 para a Rainha Maria Antonieta de França (1755–1793) e têm simulações de pérolas e flores policromas. Nos serviços encomendados de 1776 a 1778, na mesma manufatura, pela Imperatriz Catarina II da Rússia (1729–1796) a faixa já apresenta uma largura superior e é ladeada por outras com flores, camafeus e ornatos classicizantes. Esta solução decorativa evoluiu e tornou-se mais sóbria e menos ornamentada, como nos exemplares referidos anteriormente e nos serviços de D. Fernando, tendo sido empregue em inúmeras soluções nos serviços realizados ao longo da segunda metade do século XIX e vendidos pelos grandes armazéns mais influentes, como o Grand Dépôt E. Bourgeois de Paris.

¹ Como no serviço encomendado pela Rainha D. Maria Pia e dos fornecidos a Klotz.

² No antiquariato nacional e internacional esta tipologia é muitas vezes confundida como molheira.

³ Nenhuma destas peças ostenta marca.

Figura 16 - Serviços N.º 145 a 168 comercializados pelo Grand Dépôt E. Bourgeois com várias opções para cercaduras, colocação de monogramas e brasões de armas e decoração de serviços de mesa e de sobremesa



Fonte: Grand Dépôt (1885). Grand Dépôt de Porcelaines, Faïences & Verreries. E. Bourgeois 21, Rue Drouot Paris. Imp. Charles Verneau, planche 13 e 14. "<https://www.CMoG.org>"

A influência de Sèvres e da Família Imperial Francesa, sobretudo a da Imperatriz Eugénia (1826–1920), ditou o que estava em voga e o que era considerado de *bon goût*. A Vista Alegre não ficou indiferente e igualmente inspirou-se nas formas Peyre e outras, como constatamos no serviço de mesa, sobremesa, café e chá que ostenta as armas dos reis portugueses e foi, provavelmente, encomendado pelo Rei D. Luís para celebrar o seu casamento com a Rainha D. Maria Pia¹; com fundo branco, filete dourado, ornatos dourados nas pegas e as armas reais polícromas (PNA, inv.s 23118-23131) (Reis e Louro, 1987: 158–159).

Elencamos todos estes exemplares coevos para entender a opção das formas, das tipologias e da decoração, entre outras características, dos serviços encomendados à Vista Alegre pelo Rei. D. Fernando e pela Condessa d'Edla, exemplificativos de uma

certa contenção e sobriedade na decoração para evidenciar a beleza das formas naquele período.

A modernidade nas formas é visível nos pratos cobertos, nas porta-cremeiras e nas cremeiras, cujas pegas apresentam semelhanças entre si, e nas conserveiras com um desenho de linhas sinuosas e equilibradas e superfícies lisas. A mostardeira segue as mesmas linhas, mas as pegas são neorrocós. As salvas apresentam as mesmas características e linhas que as dos serviços de Sèvres e os da Klotz et cie, estando assim em consonância com o desenho das restantes tipologias. Os fruteiros “arrendados” são claramente baseados nos congêneres do início do século XIX e as perfurações permitem visualizar a cor dos frutos, enriquecendo cromaticamente ainda mais a mesa.

¹ O serviço foi arrolado na *Casa da arrecadação das pratas de Dona Maria Pia*, N.º 1020 a 1039, no Palácio da Ajuda (APNA, 1911: 1362v. a 1366).

As molheiras têm a *forme lampe* no mesmo género das do serviço fundo azul ágata do Rei Luís Filipe, mas as pegas são diferentes: a deste último alonga-se para terminar na cabeça de uma águia e a da anterior é curva.

A forma e as pegas dos açucareiros e as das chávenas têm as mesmas particularidades das do serviço Sèvres da Rainha D. Maria Pia,

do serviço da família Raposo do Amaral, das chávenas de chá do Club Micaelense e do serviço Vista Alegre do casamento do Rei D. Luís.

O açucareiro é claramente inspirado na forma Peyre e semelhante ao do aparelho do Rei D. Fernando que iremos abordar.

Figura 17 - Prato coberto, Vista Alegre, marca N.º 20 (1852–1869/1870–1880) (PNP24/25); 18,5x30Ø cm



Fonte: © PSML

Figura 18 - Mostardeira, Vista Alegre, marca N.º 20 (1852–1869/1870–1880) (PNP24/23); 10,6x12Ø cm



Fonte: © PSML

Figura 19 - Molheira, Vista Alegre, marca N.º 17 (1870–1880) (PNP24/28); 11,1x20,2x8,4 cm



Fonte: © PSML

Figura 20 - Prato de sobremesa, Vista Alegre, marca N.º 20 (1852–1869/1870–1880) (PNP24/17); 2,3x21,3Ø cm



Fonte: © PSML

Figura 21 - Fruteiro, Vista Alegre, marca N.º 20 (1852–1869/1870–1880) (PNP24/22); 20,6x23,6Ø cm



Fonte: © PSML

Figura 22 - Salva de pé alto, Vista Alegre, marca N.º 20 (1852–1869/1870–1880) (PNP24/19); 10,5x23,5Ø cm



Fonte: © PSML

Figura 23 - Porta-cremeiras, Vista Alegre, marca N.º 20 (1852–1869/1870–1880) (PNP24/40); 29x31Ø cm



Fonte: © PSML

Figura 24 - Cremeira, Vista Alegre, marca N.º 20 (1852–1869 ou 1870–1880); 8,9x7,4x5,2Ø cm



Fonte: Coleção particular

Os serviços de D. Fernando têm nos rebordos das peças uma faixa verde-claro delimitada por fios dourados, com uma cercadura, no sentido interior, de um motivo padronizado composto por linhas curvas e folhagens estilizadas em dourado. No sentido axial e central de cada tipologia o motivo é interrompido pelo monograma sobreposto D.F., D. Fernando, coroadado em policromia e dourado. Os pratos de sobremesa e as salvas têm composições polícromas de flores e frutos ao centro e a mesma conjugação encontra-se na base da taça perfurada do fruteiro e intercalada pelos monogramas. Esta *mélange* de frutos e flores vem na tradição setecentista e foi empregue na porcelana de Vincennes no período antes de cessar em 1756¹ e passar

definitivamente para Sèvres como foi mencionado.

Os serviços primam pela sobriedade das formas e das decorações, cujos tons maviosos são realçados pelo ouro, além de ostentarem discretamente o seu monograma coroadado, combinando assim a afirmação pessoal do monarca e tiveram como destino o Palácio da Pena².

O primeiro registo no Palácio da Pena data de 1874, com o N.º 925, mas rasuraram por cima em determinadas tipologias, como podemos observar no documento original, e os serviços eram compostos pelas seguintes peças:

- 124 pratos de guardanapo;

¹ Ver a conferência *Madame de Pompadour and the Porcelain Power of the Mistress* pela conservadora britânica Rosalind Savill no âmbito do seminário "Diplomacy. Power and Wealth" promovida pela Haughton International Seminar, que ocorreu de 27 a 28 de Junho de 2018 na leiloeira Christie's em Londres.

² Os serviços foram primeiramente para o Palácio das Necessidades e só depois é que foram para o da Pena. Efectivamente, neste momento da investigação não podemos ainda afirmar se foram propositadamente encomendados para fazerem parte da sala de refeições do Palácio da Pena em Sintra.

- 31 ditos de sopa (quebraram-se 2);
- 75 ditos de sobremesa (quebrou-se 1), mas no documento original escreveram 7 por cima do 3, o que indica que inicialmente quantificaram 35;
- 37 ditos mais pequenos (quebraram-se 2);
- 8 ditos cobertos;
- 34 travessas de diferentes tamanhos;
- 12 conserveiras;
- 8 salvas com pé;
- 2 fruteiros “arrendados” com pé;
- 2 saladeiras;
- 6 terrinas de diferentes tamanhos com pratos;
- 6 molheiras com dois pratos;
- 4 mostardeiras;
- 12 saleiros;
- 2 porta-cremeiras;
- 23 cremeiras;
- 23 oveiros (quebraram-se 2);
- 2 açucareiros;
- 26 chávenas para café com pires¹ (quebraram-se 2) (FCB, AHCB, 1874: 44).

Nesta listagem constata-se que deram entrada mais 28 pratos rasos, 8 de sopa, 39 de sobremesa, 1 de doce, 1 oveiro, 10 travessas, 4 molheiras sem prato, 2 mostardeiras e 2 chávenas para café do que os que foram contabilizados e pagos em 1867.

¹ Contabilizaram 13 e informam-nos de que há mais 13 chávenas e que se quebraram 2.

² A Fábrica da Vista Alegre em 1844 tinha Armazém e Depósito na cidade do Porto, Boa-Vista n.º 4-P, e na cidade de Lisboa, Rua dos Capelistas n.º 35.

³ A factura está datada de 26 de Janeiro de 1877 e foi paga no dia 15 de Dezembro do mesmo ano. As tipologias tiveram os seguintes valores unitários e totais: as 6 travessas N.º 2 cada uma por 6\$900 e custaram 41\$400; as 6 travessas N.º 3 cada uma por 5\$000 e custaram 30\$000; as 6 travessas N.º 4 cada uma por 4\$000 e custaram 24\$000; os 6 pratos grandes N.º 2 cada um por 3\$500 e custaram 24\$500; os 7 pratos N.º 3 cada um por 3\$750 e custaram 22\$500; os 6 pratos N.º 4 cada um por 3\$250 e custaram 19\$500; os 6 pratinhos cada um por 1\$750 e custaram 10\$500; as 2 molheiras cada uma por 2\$500 e custaram 5\$000; as 9 cremeiras cada uma por \$900 e custaram 8\$100; as 9 chávenas para café com pires N.º 2 cada conjunto por 1\$900 e custaram 17\$100; os 38 pratos chatos cada um por 1\$750 e custaram 66\$500; os 25 pratos de sobremesa com flor cada um por 2\$250 e custaram 56\$250; as 3 salvas com pé alto cada uma por 4\$500 e custaram 13\$500 e as 3 salvas com pé

Efectivamente, em 1877 o Rei D. Fernando adquiriu no depósito lisboeta da Vista Alegre² várias tipologias de serviços e que foram as seguintes: 6 travessas N.º 2; 6 ditas N.º 3; 6 ditas N.º 4; 6 pratos grandes N.º 2; 7 ditos N.º 3; 6 ditos N.º 4; 6 pratinhos; 2 molheiras; 9 cremeiras; 9 chávenas para café com pires N.º 2; 38 pratos chatos; 25 pratos de sobremesa com flor; 3 salvas com pé alto e 3 salvas com pé baixo, descritas como tendo dourados (FCB, AHCB, 1877: 59)³ e que podem ser reforços dos serviços descritos ou os da Condessa d’Edla ou, ainda, de ambos⁴. No mesmo ano encomendaram-se 48 pratos rasos, 12 pratos de sopa, 12 chávenas para café e 43 pratos de sobremesa todos com *tarja verde e oiro* (FCB, AHCB, 1878: 51)⁵, que também poderão ser os reforços dos serviços acima descritos e daí as rectificações posteriores e as variantes quantitativas no inventário de 1874 da Pena.

No Inventário Orfanológico do Rei D. Fernando, em 1887, os serviços comportavam as seguintes peças:

- 106 pratos de guardanapo;
- 28 ditos de sopa;
- 68 ditos de sobremesa;
- 12 ditos mais pequenos;
- 18 oveiros;

baixo cada uma por 4\$500 e custaram 13\$500. Foram ainda pagas duas caixas para as acondicionar no valor de 1\$000, incluindo o frete de \$600, e o valor total foi de 353\$950 réis.

⁴ Neste trabalho consultamos os documentos de despesa do Rei D. Fernando referente ao período de 1847 a 1885. No entanto, há documentos de despesa que foram pagos pelos particulares, constituem outro fundo documental e ainda não foi consultado por nós. As tipologias adquiridas também podem ter sido encomendadas para reforçar um outro conjunto de serviços da Fábrica da Vista Alegre ou outros de fabrico estrangeiro, mas na documentação consultada para este trabalho não mencionam outros serviços da Vista Alegre e os restantes que o Rei D. Fernando possuía desapareceram na sua grande maioria.

⁵ A factura está datada de 11 de Novembro de 1877 e foi paga no dia 15 de Junho de 1878. O preço unitário dos pratos rasos e de sopa foi de 1\$000 réis e o que perpez um total de 60\$000. As chávenas o preço de 2\$000 e o total foi de 24\$000. Os pratos de sobremesa de 1\$300 e o total foi de 55\$900. A caixa teve o valor de \$500 e os fretes de \$340, o que perpez um total de 140\$740 réis.

- 21 travessas de diferentes tamanhos;
- 2 saladeiras;
- 6 terrinas com pratos;
- 7 pratos cobertos;
- 12 conserveiras;
- 6 molheiras com dois pratos¹;
- 4 mostardeiras;
- 12 saleiros;
- 8 fruteiros²;
- 2 porta-cremeiras;
- 22 cremeiras;
- 2 açucareiros;
- 28 chávenas para café com pires³.

- 5 molheiras com prato;
- 4 mostardeiras;
- 10 saleiros;
- 5 fruteiros⁵;
- 1 dito “arrendado” com pé;
- 2 porta-cremeiras;
- 21 cremeiras;
- 2 açucareiros;
- 5 chávenas para café com pires (APNP, 1897: 79).

No inventário datado de 1907 os serviços tinham sofrido uma grande redução e eram compostos por:

Constata-se que os serviços estavam quase todos completos devido ao reforço. No entanto, houve uma segunda redução em 1897, já no reinado de D. Carlos I (1863–1908), neto de D. Fernando, conforme o inventário desse ano e as peças contabilizadas foram as seguintes:

- 41 pratos de guardanapo;
- 6 ditos de sopa;
- 37 ditos de sobremesa;
- 5 ditos mais pequenos⁴;
- 15 oveiros;
- 19 travessas de diferentes tamanhos;
- 2 saladeiras;
- 1 terrina pequena;
- 7 pratos cobertos;
- 9 conserveiras;

- 2 pratos de guardanapo;
- 15 oveiros;
- 4 travessas iguais;
- 1 saladeira;
- 1 terrina pequena;
- 5 pratos cobertos;
- 8 pratos apresentadores das terrinas e dos pratos cobertos;
- 10 conserveiras;
- 3 molheiras;
- 2 mostardeiras;
- 5 saleiros;
- 13 ditos de sobremesa;
- 5 fruteiros⁶;
- 2 porta-cremeiras;
- 21 cremeiras;
- 2 açucareiros com tampa e pratos;

¹ Designadas como *santieres* e que deverá ser a designação em francês *saucières*.

² No inventário as salvas e os fruteiros são designados como fruteiros, daí terem contabilizado 8.

³ Foram inventariados na *Copa* com o N.º 6548 (ANTT, 1887b: 2563 a 2563v.).

⁴ Referidos como: *cinco ditos para neve*. A referência à neve significa que eram servidos para doces de neve ou

queijos de neve. Actualmente, este tipo de doces frios é designado por gelado (feito com leite ou natas e fruta ou outros aromas) e por sorvete (à base de água e de fruta).

⁵ As salvas e os fruteiros foram designados como fruteiros.

⁶ A mesma designação de fruteiros foi atribuída às duas tipologias.

- 4 chávenas para café (APNP, 1907: 122–124 e 136)¹.

Nas peças sobreviventes constata-se que foram bastante usadas, nomeadamente o desgaste da pintura e do vidro.

No ano de 1910, após a implantação da República, os serviços estavam reduzidos aos seguintes exemplares:

- 5 oveiros;
- 3 travessas;
- 1 saladeira;
- 2 terrinas;
- 1 terrina pequena;
- 5 pratos cobertos;
- 7 pratos apresentadores;
- 11 conserveiras²;
- 2 molheiras;
- 2 mostardeiras;
- 3 saleiros;
- 10 pratos de sobremesa;
- 5 fruteiros³;
- 2 porta-cremeiras;
- 12 cremeiras;
- 1 açucareiro com tampa;
- 4 chávenas⁴.

No *Inventário dos moveis existentes no Palacio Nacional da Pena em Cintra*, datado

de 14 de Julho de 1919, os serviços encontravam-se na *Arrecadação n.º 1* e tinham as seguintes peças:

- 9 oveiros;
- 4 pratos cobertos, 3 com o prato apresentador e dois rachados⁵;
- 10 pratos apresentadores, estando 2 rachados;
- 3 tampas;
- 11 conserveiras, estando 2 rachadas;
- 3 molheiras, estando uma completa;
- 2 mostardeiras, 1 estava sem tampa;
- 2 saleiros, 1 estava rachado;
- 6 pratos de sobremesa rachados;
- 4 salvas⁶;
- 1 *fruteiro com abertos*;
- 2 porta-cremeiras;
- 14 cremeiras⁷;
- 1 açucareiro sem uma asa e tampa;
- 4 chávenas sem pires e rachadas⁸.

No *Cadastro dos Bens do Dominio Público* de 1938, na mesma arrecadação, elencaram: 6 pratos de sobremesa; 11 conserveiras; 4 salvas; 1 fruteiro; 4 pratos cobertos; 3 tampas; 3 molheiras; 9 oveiros; 10 pratos apresentadores; 2 mostardeiras; 2 saleiros; 2 porta-cremeiras e 4 chávenas, mas contabilizaram 22 cremeiras e não mencionam o açucareiro (APNP, 1938: 22 a 22v.).

Na mesma arrecadação e no *Inventário dos moveis existentes no Palacio Nacional da*

¹ O serviço encontrava-se separado e foi classificado na categoria de *Serviços diversos* e *Louça verde*. As 2 porta-cremeiras e as 21 cremeiras foram contabilizadas duas vezes no inventário.

² Na verba N.º 1055 mencionam 4 conserveiras e na 1079 foram contabilizadas 11 conserveiras, sendo estas as que nos parecem fazer parte deste serviço. A mesma contabilização foi feita no inventário de 1907.

³ A mesma constatação de as duas tipologias terem a mesma designação.

⁴ As peças foram classificadas na categoria de *Serviços diversos*, N.º 1049 a 1055 e 1072 a 1081 (ANTT, 1910: 87v. a 88 e 89 a 89v.).

⁵ Neste inventário os pratos cobertos foram designados como terrinas. O mesmo foi seguido nos inventários de 1938, de 1938 a 1939 e de 1941.

⁶ Designadas como fruteiras.

⁷ Contabilizaram mais duas cremeiras em relação ao inventário anterior.

⁸ Uma parte do serviço estava na *Residência do Administrador / Casa de Jantar* (N.º 19), N.º 773 e o restante na *Arrecadação n.º 1*, N.º 1152 a 1164 (ANTT, 1919: 43 e 66v. a 67). O porta-cremeiras (PNP, inv. PNP24/40) ainda tem colada a etiqueta com o N.º 1162 referente a este inventário.

Pena, 21 de Outubro de 1938 a 31 de Março de 1939, só referem a existência de 3 pratos cobertos com os respectivos apresentadores e tampas; 1 porta-cremeira com 12 cremeiras e 4 fruteiros, tendo um o pé menor que os restantes. Não discriminaram as restantes peças e na *Cozinha da residência do Conservador (antiga Casa de arranjo de roupas)* mencionam 1 terrina e 1 mostardeira da *Vista Alegre* (ANTT, 1938 a 1939: 1v. e 7v.)¹.

No último inventário a que tivemos acesso, datado de 1941, somos informados de que havia no Palácio Nacional da Pena 1 terrina sem tampa; 1 mostardeira; 3 pratos cobertos com os respectivos apresentadores e tampas e 4 fruteiros, os mesmos que anteriormente (ANTT, 1941: 2 e 7)². Neste período deverão ter sido transferidas para o Palácio Nacional da Ajuda determinadas peças em mau estado e que passaram a fazer parte do seu acervo³.

Nos dias de hoje os serviços são compostos pelos seguintes exemplares:

- 3 oveis (PNA, inv.s 67402–67404);
- 4 pratos cobertos com tampas e com pratos apresentadores (PNP, inv.s PNP24/25/26/27 e PNA, inv. 67395⁴) e 1 prato coberto sem tampa e sem prato apresentador (PNP, inv.s PNP24/46);
- 3 pratos apresentadores de terrinas (PNP, inv. PNP24/39 e PNA, inv.s 67396 e 67400⁵);
- 4 pratos apresentadores dos pratos cobertos (PNA, inv.s 67397–67399 e 67401);
- 3 tampas de pratos cobertos (PNA, inv.s 67378–67380);

- 11 conserveiras (PNP, inv.s PNP24/30/31/32/33/34/35/36/37/41/42 e PNA, inv. 67391);
- 3 molheiras (PNP, inv.s PNP24/28/29/44) e 1 prato apresentador (PNA, inv. 67390);
- 3 mostardeiras (PNP, inv.s PNP24/23/24 e PNA, inv. 67392⁶);
- 2 saleiros (PNA, inv.s 67384–67385);
- 6 pratos de sobremesa (PNP, inv.s PNP24/13/14/15/16/17/18);
- 3 salvas de pé alto (PNP, inv.s PNP24/19/20/38);
- 2 salvas de pé baixo (PNP, inv.s PNP24/21/43);
- 1 fruteiro (PNP, inv. PNP24/22);
- 2 porta-cremeiras (PNP, inv. PNP24/40 e PNA, inv. 67393);
- 13 cremeiras⁷ (PNP, inv.s PNP24/1/2/3/4/5/6/7/8/9/10/11/12 e PNA, inv. 67394⁸)⁹;
- 2 açucareiros (PNA, inv. 67383 e PNP, inv. PNP24/45¹⁰) e dois pratos (PNA, inv.s 67381–67382);
- 4 chávenas para café sem pires (PNA, inv.s 67386–67389)¹¹.

Este levantamento documental e cotejamento permitiu-nos construir o historial destes serviços, o seu uso pela família real até ao fim da monarquia e a sua musealização. Também constatamos que no Palácio da Pena o Rei D. Fernando e a Condessa d'Edla tinham outros serviços para mesa e sobremesa, nomeadamente um em porcelana francesa, com fundo branco e ornamentos em dourado, que a partir de 1910 nunca mais foram

¹ *Arrecadação n.º 1* N.º 25, 25A e 26 e *Cozinha da residência do Conservador (antiga Casa de arranjo de roupas)* N.º 220.

² *Cozinha* N.º 27 e 28 e *Arrecadação N.º 1* N.º 158 e 159.

³ No levantamento documental aqui encetado constatamos que deliberadamente foram omissas dos inventários do Palácio Nacional da Pena as peças danificadas e por isso não foram mencionadas. As peças danificadas foram posteriormente transferidas para o Palácio Nacional da Ajuda.

⁴ Tem a pega do lado direito do monograma partida.

⁵ O prato encontra-se rachado e ligeiramente aberto.

⁶ O prato acoplado tem uma falha do lado direito do monograma e a tampa que tem é das cremeiras.

⁷ Há uma cremeira, com uma das pegas em falta e a tampa danificada, numa colecção particular e que nos foi gentilmente fotografada para ilustrar este artigo.

⁸ Tem a pega do lado direito do monograma partida.

⁹ Queremos agradecer ao conservador do Palácio Nacional da Pena o Doutor Hugo Xavier e à museóloga Sara Gonçalves por nos terem facultado os números de inventário das peças.

¹⁰ Os açucareiros estão danificados e não têm tampa.

¹¹ No ano de 2020 foi celebrado um protocolo entre a Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) e a Parques de Sintra-Monte da Lua (PSML) para realocação de determinadas peças e, por isso, as peças do Palácio Nacional da Ajuda deverão retornar ao Palácio Nacional da Pena.

mencionados. Com estes conjuntos utilizavam faqueiros, serviços em vidro e cristal, serviços em prata e outras peças para servir; complementados e igualmente usados com variados serviços para chá, para café e para água¹.

Não podemos deixar de mencionar um fruteiro (PNP, inv. PNP84)², em tom amarelo/alaranjado, perfurado, que ostenta a marca N.º 15 (1852–1869) e que poderá ser o fruteiro referido na factura N.º 336.

Figura 25 - Fruteiro, Vista Alegre, marca N.º 15 (1852–1869) (PNP84); 55x38Ø cm



Fonte: © PSML

No Palácio das Necessidades também detinham a mesma miríade de serviços para

mesa, sobremesa, bebidas quentes e bebidas frescas, onde conseguimos identificar o

¹ Como por exemplo um serviço para água em vidro com fundo verde, camafeus e decorações ao gosto greco-romano (PNP, inv.s PNP1229/1/2/3/4/5) e em 1887 era composto por bandeja (PNP1229/4), garrafas (PNP1229/2), açucareiro (PNP1229/3), copo (PNP1229/5) e garrafinha (PNP1229/1). Numa das garrafas, geralmente na de menor dimensão, estava água de flor de laranjeira e era diluída com água, que estava nas outras, no copo e era temperada, ou não, com açúcar. No ano de 1887 é referido na *Casa de lavagem de louça*, N.º 6942 e adquirido depois do casamento (ANTT, 1887b: 2650), em 1897 e 1907 foi elencado na categoria de *Serviços diversos* (APNP, 1897: 93) (APNP, 1907: 123) e em 1941 estava na *Sala dos telefones*, N.º 586 (ANTT, 1941: 24).

² O fruteiro em 1897 foi classificado na categoria de *Serviços diversos* (APNP, 1897: 96), em 1907 na mesma

categoria (APNP, 1907: 121), em 1910 manteve a mesma, N.º 1020 (ANTT, 1910: 86), em 1919 foi colocado na *Residência do Administrador / Casa de Jantar* (N.º 19), N.º 779A (ANTT, 1919: 43v.), em 1938 colocaram-no na *Sala dos Veados*, N.º 909 (APNP, 1938: 20v.) e em 1941 mudaram-no para a *Cozinha*, N.º 25 (ANTT, 1941: 2). Contudo, o mesmo foi para o Palácio da Ajuda em data incerta e voltou em 1986 para o Palácio Nacional da Pena. Nos arrolamentos republicanos do Palácio da Ajuda e do Palácio das Necessidades não foi descrito nenhum fruteiro com as características que este exemplar apresenta e por isso cremos ser o mencionado na documentação aqui levantada. Na obra *A Vista Alegre. Apontamentos para a sua história* foi fotografado um fruteiro semelhante, mas em branco e dourado, e na altura pertencia a Eduardo Pinto Basto da cidade de Lisboa (Gomes, 1924: 85).

Apparelho á Francesa adquirido em 1867 e no inventário orfanológico foi descrito como:

“Um serviço de porcellana da fabrica de Vista Alegre com as Armas Reaes Portuguesas composto de um bule, um assucareiro, uma manteigueira, dois pratos, onze chávênas, doze pires, uma leiteira, e uma cafeteira, estando uma das chávênas defeituosa, marcado com o numero quatro mil tresentos e sessenta e seis.

Avaliado tudo na quantia de dezoito mil reis”¹

O serviço foi o lote n.º 4366, no leilão de 1892, com o valor base de 18\$000 réis e com que foi avaliado (Catalogo, 1892: 77).

O termo *Apparelho á Francesa* refere-se a um serviço para chá ou para café geralmente constituído por: um bule, uma cafeteira, um açucareiro, uma leiteira e seis ou doze chávênas. Também podia ter uma manteigueira, pratos para fatias, jarro de água quente com tampa, compoteiras, pratos e outras tipologias necessárias para uma refeição leve. Eram usados em determinadas ocasiões, como ao pequeno-almoço, um café a meio da manhã, um chá à tarde ou as duas bebidas eram servidas em simultâneo, consoante o desejo pessoal, num chá ou num serão. Estes serviços eram igualmente vendidos com uma mesa com dois andares, que era colocada no centro de uma sala, com a chaleira, a cafeteira, o bule, a leiteira, o açucareiro e as colheres apropriadas em prata, conjuntamente com as chávênas em porcelana (Monte-Cristo, Franzen y Nisser, 1898: 74), como por exemplo as mesas e os

serviços designados como *Table à thé* e que eram vendidos pela Maison Christofle, assim como por outros ourives e *ébénistes* de Paris (Andrade, 2009: 217). As chávênas eram as de chá e podiam conter chá ou café, sendo este menos concentrado, e ambos podiam ser misturados com leite ou natas e adoçados. No mesmo período as mesmas chávênas de chá eram agrupadas em serviços próprios, assim como as de café, no tamanho inferior, e as *demi-tasse*, designação em francês para uma chávêna ainda mais pequena para café à turca² e que nos dias de hoje se designa por *expresso*. A evolução destes serviços vem no seguimento das tipologias setecentistas e a manufatura de Sèvres, na década de sessenta, realizava serviços com um bule, uma cafeteira, uma leiteira, um açucareiro, chávênas para chá e chávênas para café com os respectivos pires³. Estes são os hábitos culturais propagados por França e cada país adoptou-o conforme a sua própria maneira de ser, como por exemplo os serviços ingleses da primeira metade do século XIX e que eram constituídos por um bule, uma cafeteira, um açucareiro, uma leiteira, uma taça de pingos, doze pires para doze chávênas de chá, doze chávênas de café e restantes tipologias opcionais. As chávênas eram utilizadas em diferentes ocasiões ao longo do dia e tinham em comum os mesmos pires.

O aparelho à francesa de D. Fernando reunia parte destas tipologias, como foi descrito, e as peças que o compunham ou que serviram como amostras pertencem ao Museu Vista Alegre e o conjunto é composto por uma cafeteira (MVA 565)⁴, uma chávêna e pires (MVA 566)⁵, uma taça (MVA 567) e um

¹ Foi inventariado com o N.º 1338 na *Cópa* e referem que foi adquirido depois do casamento com a Condessa d'Edla (ANTT, 1887a: 551 a 551v.).

² Em alemão designa-se por moka.

³ Sobre a evolução das tipologias de Sèvres ver o trabalho desenvolvido pela conservadora britânica Rosalind Savill, uma das especialistas mundiais desta porcelana, e apresentado na conferência intitulada *From Salt Cellars to Sweetmeat Baskets: Dining with Sèvres porcelain in the eighteenth century* no âmbito do seminário “The Splendour of the Dining Room” promovida pela Houghton International Ceramics Seminar, que ocorreu de 28 a 29 de Junho de 2017 na leiloeira Christie's em Londres.

⁴ A cafeteira e a taça desconhece-se como integraram as coleções do museu, mas no catálogo denominado *A*

Fábrica da Vista Alegre — Catálogo da Exposição — Cristais 1824–1924, realizado aquando do 1.º centenário da sua fundação, esteve exposto com o N.º 453 um serviço de chá com as armas e monograma de D. Fernando. O serviço pertencia na altura a John N. Marsden, foi datado como sendo de 1865 e como tendo as seguintes marcas: V.A. a azul e V.A. a ouro. Efectivamente, a cafeteira tem a marca em azul e a taça a marca a ouro.

⁵ A chávêna e o pires aparentemente em 1924 já pertenciam ao acervo do Museu Vista Alegre. As peças foram mencionados no catálogo atrás referido com o N.º 466 e foram datadas de 1865. Ostentam a marca V.A. a ouro.

açucareiro (MVA 1679)¹. As formas são flagrantemente a *Peyre* de Sèvres. Tem uma original decoração composta por linhas em ângulo e intercaladas por curvas com pérolas que encerram as armas reais portuguesas, o monograma D.F. coroado², palmetas, bustos classicistas e composições florais, encimada por volutas e folhagens neorrenascentistas,

atribuída a Gustave Fortier (Frasco, 2005: 87). Curiosamente, do mesmo período não podemos deixar de mencionar um par de jarras em biscuit do ceramista parisiense Jean-Baptiste Gille (1798–1868), fundador da sua própria fábrica (1836–1868)³, com o mesmo género de decoração de volutas e folhagens nos galgalos que nos pertence.

Figura 26 - Cafeteira, Vista Alegre, marca N.º 20 (1852–1869 ou 1870–1880) (MVA 565); 24,7x24,9x15,5Ø cm



Fonte: “Museu Vista Alegre, Vista Alegre”

¹ O açucareiro tem a marca V.A. a ouro e foi leiloadado pela Leiria & Nascimento, na Tapada da Ajuda, com o n.º 932 no dia 1 de Novembro de 1990 pelo valor de 80 contos. O açucareiro deu entrada no museu no dia 8 de Janeiro de 1991 pela Sr.ª D. Maria de Vasconcelos e Sousa. Todas estas peças eram designadas à *Francesa* na documentação da fábrica e como consta nos desenhos dos alunos. No mesmo leilão foi arrematada uma leiteira (MVA 1680) com o n.º 933, arrematada por 70 contos e com a mesma decoração, mas tem a marca N.º 29 referente ao período de 1922 a 1947 e deu entrada no museu no mesmo dia e pela mesma portadora do açucareiro.

² Igual aos monogramas dos serviços referidos.

³ Jean-Baptiste Gille era conhecido por Jean Gille ou por Gille Jeune (o Novo). A fábrica que fundou no n.º 28 da Rue du Paradis-Poissonnière em Paris notabilizou-se pela produção de estatuetas e de peças decorativas em biscuit com pinturas policromas. Foi premiada nas exposições universais com produtos de elevada qualidade técnica e estética. Após a sua morte em 1868 a fábrica passou para dois dos seus modeladores, Théodore Désiré Vion (1820–1889) e Charles Martial Baury (1827–1879), e passou a designar-se Vion & Baury. Por volta de 1874 ou 1875 a fábrica instalou-se em Choisy-le-Roi perto de Paris. No ano de 1879 morreu Baury e a fábrica mudou o nome para D. Vion. No ano de 1883 o Rei D. Fernando adquiriu à fábrica um serviço de mesa, sobremesa e café, como mencionamos na Parte 1 deste artigo. Encerrou em 1889 após a morte de Vion.

Figura 27 - Chávena e pires, Vista Alegre, marca N.º 17 (1852–1869 ou 1870–1880) (MVA 566); chávena 6x10,8x8,8Ø cm, pires 14Ø cm



Fonte: “Museu Vista Alegre, Vista Alegre”

Figura 28 - Taça, Vista Alegre, marca N.º 17 (1852–1869 ou 1870–1880) (MVA 567); 7,8x16,5Ø cm



Fonte: “Museu Vista Alegre, Vista Alegre”

Figura 29 - Açucareiro, Vista Alegre, marca N.º 17 (1852–1869 ou 1870–1880) (MVA 1679); 17,4x19,3x14,8Ø cm



Fonte: “Museu Vista Alegre, Vista Alegre”

Figura 30 - Par de jarras, Jean Gille (1836–1868); 23,7x10,5Ø cm. Lote 165 do leilão online N.º 1378, datado de 10 de Julho de 2022. Cortesia da Cabral Moncada Leilões / Luís Sousa 2022



Fonte: Coleção do autor

O aparelho à francesa de D. Fernando reflecte o eclectismo oitocentista, nomeadamente o gosto pela época greco-romana e pela da renascença em voga na década de sessenta do século XIX.

2. OS SERVIÇOS ADQUIRIDOS EM 1867 PARA ELISA HENSLER

O serviço de mesa, de sobremesa e de café encomendados para Elisa Hensler, futura Condessa d'Edla, tinham as mesmas tipologias que os do Rei D. Fernando, conforme consta na factura N.º 170 e como demonstramos na tabela que se segue.

Tabela 3 - Factura N.º 170 do serviço de mesa, de sobremesa e de café de Elisa Hensler

	<i>Designação</i>	<i>Q.</i>	<i>P. unit.</i>	<i>P. total</i>	
10889	Pratos chatos	78	1540	120\$120	
	D.os sopeiros	25	1540	38\$500	
	Meios pratos	37	2000	74\$000	
	Pratinhos	24	1000	24\$000	
	Caixa			\$800	257\$420
10891	1 Terrinas	2	12100	24\$200	
	2 D.as	2	9900	19\$800	
	Molheiras	2	3960	7\$920	
	Pratinhos	14	1000	14\$000	
	Selladeiras	2	3850	7\$700	
	Mostardeiras	2	2200	4\$400	
	Pimenteiros	2	2200	4\$400	
	Caixa			\$800	83\$220
10892	1 Pratos cobertos	4	6600	26\$400	
	2 D.os	4	5500	22\$000	
	5 Terrina e prato	2	4760	9\$520	
	Salvas de pé baixo	4	3960	15\$840	
	D.as de pé alto	4	3960	15\$840	
	6 Travessas	4	1650	6\$600	
	Caixa			\$800	97\$000
10890	Fruteiros	2	5500	11\$000	
	2 Traveßsas	2	6500	13\$000	
	3 D.as	2	4400	8\$800	
	4 D.as	4	3520	14\$080	
	5 D.as	4	2750	11\$000	
	D.a com palma	1		6\$600	
	D.as esguias	1		6\$600	
	Afsucareiro á Francesa	2	3850	7\$700	
	Pares de chav. finas p.a café	24	1650	39\$600	
	Saleiros	2	1980	3\$960	
	Caixa			\$800	123\$140
					560\$780
	Frete ate ao cam.o de ferro				\$480
					561\$260

Fonte: Fundação da Casa de Bragança, Arquivo Histórico Casa de Bragança, Secretaria Rei D. Fernando II, Documentos de despesa de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, Outubro de 1867, 1867, NNG 3342, doc. 24

Nesta factura constam as mesmas tipologias e quantidades aproximadas com os serviços de D. Fernando, tendo sido igualmente

reforçados e adquiridas outras tipologias como consta na factura N.º 337 e na tabela que mostramos em seguida.

Tabela 4 - Factura N.º 337 do serviço de mesa e de sobremesa de Elisa Hensler

Designação	Q.	P. unit.	P. total
Pratos de guardanapo	3	1540	4\$620
1 Traveça esguia	1		6\$600
Saleiros	5	1980	9\$900
1 Traveça para redovalho	1		6\$600
1 Prato de entrada	1		3\$900
2 Dito	1		3\$080
3 Dito	1		2\$640
4 Dito	1		2\$420
5 Dito	1		1\$980
6 Dito	1		1\$650
Pratos para conservas	6	1540	9\$240
1 Platô red. Com 18 canecas para creme	1		24\$000
Oveiros	15	660	9\$900
Platô para os mesmos oveiros	1		9\$900
Selladeira com filés de ouro e purpura	1		1\$060
Caixa			1\$000
Frete de Aveiro e carreta d'ali à estação			\$200
			98\$690

Fonte: Fundação da Casa de Bragança, Arquivo Histórico Casa de Bragança, Secretaria Rei D. Fernando II, Documentos de despesa de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando, Outubro de 1867, 1867, NNG 3342, doc. 24

O Rei D. Fernando e a Condessa d'Edla ficaram com dois conjuntos de serviços com as mesmas tipologias, mas o da condessa tinha um prato para os oveiros, que o de D. Fernando não tinha, e tinha uma saladeira especificamente encomendada.

Os serviços parecem ser os mesmos, em 1887, no inventário orfanológico descritos como tendo uma *risca carmezim, flôres e frizos dourados*¹ e era composto por:

- 4 pratos de guardanapo;
- 2 ditos de sopa;
- 2 ditos de sobremesa;
- 6 pratos pequenos;

- 2 terrinas grandes;
- 2 terrinas pequenas;
- 3 mostardeiras;
- 6 cremeiras;
- 27 tampas pequenas;
- 5 pratos cobertos (um sem tampa);
- 2 pratos para peixe;
- 13 salvas com pé;
- 12 travessas de diferentes tamanhos;
- 2 tabuleiros redondos;
- 19 pratos redondos;
- 2 fruteiros;
- 2 açucareiros à francesa;

¹ O conjunto estava marcado com o número 4373.

- 22 chávenas para café e dezanove pires;
- 2 bases para pratos;
- 8 conserveiras;
- 8 oveiros;
- 1 caneca pequena.

Encontrava-se já bastante incompleto e os serviços foram avaliados por 36\$000 réis¹ e foi este o valor a que foram a leilão, em 1892, no lote n.º 4374 (Catalogo, 1892: 77–78). No entanto, convém assinalar a presença de mais cinco salvas e que poderão ser as do reforço de 1877 anteriormente aludido.

No acervo do Museu Vista Alegre conseguimos identificar um prato de sobremesa (MVA 401) com faixa carmesim e ornatos em dourado à maneira de Sèvres do século XVIII, ladeado pelas mesmas decorações que nos serviços realizados de D. Fernando e as mesmas folhagens no sentido axial do prato do rei e do Imperador do Brasil. Ostenta o monograma E.H. em caracteres góticos, que poderá ser o de Elisa Hensler, e tem a mesma indicação cursiva que os pratos (MVA 564 e 657) com o monograma de D. Fernando: *Fabrica da Vista Alegre 20 de Abril de 1866*.

Figura 31 - Prato com monograma E.H., Vista Alegre, sem marca (MVA 401); 2,7x23,7Ø cm



Fonte: “Museu Vista Alegre, Vista Alegre”

O último conjunto de peças encomendadas pela Condessa d'Edla foi um aparelho á *Francesa com tarja verde, e grinalda de flores*, conforme foi descrito na factura N.º 24, e custou 38\$250 réis, a caixa para o acondicionar \$440 réis e o frete até à estação de caminho-de-ferro \$120 réis, o que perfez o total de 38\$810 réis, mas, aparentemente, não

foi referido no inventário orfanológico. No entanto, convém mencionar-se aqui que no decurso da investigação em torno da Casa Real temos encontrado várias facturas e anotações posteriores de objectos adquiridos para ofertas.

¹ Os serviços encontravam-se na *Cópa*, foram arrolados com o N.º 1345 e o inventário afirma que foram adquiridos depois do casamento (ANTT, 1887a: 553v. a 554).

Curiosamente, no mesmo museu há uma chávena e pires (MVA 396) com faixas e grinaldas de flores, coincidente com a

descrição do aparelho referido, com a seguinte indicação cursiva no pires: *N.º 34. Julho de 1865 Vista Alegre.*

Figura 32 - Chávena e pires, Vista Alegre, sem marca (MVA 396); chávena 8,6x12x10,8Ø cm, pires 15,9Ø cm



Fonte: “Museu Vista Alegre, Vista Alegre”

3. AS MARCAS NOS EXEMPLARES EXISTENTES E O LEVANTAMENTO DOCUMENTAL

A maioria das peças Vista Alegre dos serviços de D. Fernando existentes ostenta a marca N.º 20, azul *grande fogo*, a *pinxel aparecendo*, portanto sob várias modalidades, usada no período de 1870 a 1880, mas na década de 90 do século XX esta mesma marca era a N.º 8 e tinha a datação de 1852 a 1869 (Arez, 1999:

43), o que vem contrariar o que está estabelecido actualmente¹. As restantes peças têm a marca N.º 17 referente ao período de 1870 a 1880, como a molheira (PNP, inv. PNP24/28), mas no museu as peças do aparelho de D. Fernando têm esta marca com a datação de 1852 a 1869 e a própria Vista Alegre admite de que não há ainda um estudo definitivo sobre a datação de determinadas marcas oitocentistas.

¹ Contudo, João Augusto Marques Gomes informa-nos que começaram a marcar todas as peças brancas e pintadas, independentemente da forma e da decoração, a partir de 1861 com um V.A. em azul. O mesmo autor afirma que entre 1827 a 1835 as peças eram marcadas com um V.A. coroadado entre duas palmas (actualmente poderá ser a marca N.º 1 com a datação de 1824 a 1826). A partir de 1838 a 1861 as peças não eram geralmente marcadas, excepção feita em alguns serviços de almoço (hoje pequeno-almoço) que eram marcados com um V.A. em dourado (poderá ser a marca N.º 3, de 1836 a 1851,

ou a N.º 7, 8, 10 e 12, todas consideradas como tendo sido usadas de 1852 a 1869) (Gomes, 1883: 33). O mesmo autor por altura do primeiro centenário publicou a obra *A Vista Alegre. Memória Histórica* e em relação às marcas diz-nos o seguinte: de 1827 a 1835 foi usada a marca V.A. coroadada e ladeada por palmas, já referida, de 1838 a 1861 a marca V.A. em dourado, também mencionada, e de 1862 a 1894 a marca V.A. em azul como aludimos anteriormente (Gomes, 1924: 99).

Figura 33 - Marca N.º 20 (1852–1869 ou 1870–1880) na cremeira com monograma coroado de D. Fernando, Vista Alegre; 8,9x7,4x5,2Ø cm



Fonte: Colecção particular

Recentemente, tem-se vindo a mencionar que os serviços de D. Fernando foram uma encomenda da Casa Real ou oferecidos ao rei por ocasião de uma visita, ambas em 1852, à Fábrica da Vista Alegre e que houve posteriormente um reforço. No decurso da investigação não encontramos, ainda, qualquer documentação de um serviço Vista Alegre desse período encomendado pelo monarca e como constatamos na documentação levantada¹, excepto os que

foram aqui mencionados. Se, o serviço tivesse sido oferecido pela fábrica em 1852 teria havido, pelo menos, uma gratificação aos operários e pintores envolvidos em tal empreendimento, como seria expectável de um monarca, manifestando assim apreço por tal gesto generoso e como era habitual em D. Fernando², mas o rei visitou a fábrica por sua livre e espontânea vontade, como aludimos, e por isso não teriam certamente um serviço feito especialmente para lhe oferecer.

¹ Efectivamente, se observarmos as peças remanescentes dos serviços do Rei D. Fernando constatamos que os monogramas foram aplicados por litografias. Na investigação encetada a fábrica começou a empregar este processo a partir de 1852 e coincidiu com a chegada do pintor Gustave Fortier à mesma, conforme ficou estabelecido na Parte 1 deste trabalho. Ao mesmo pintor tem sido atribuída pela Vista Alegre a decoração e

a pintura das peças que fizeram parte do aparelho à francesa de D. Fernando.

² O rei tinha o hábito de gratificar sempre quem lhe oferecia algo e nesse mesmo ano o pintor Resende do Porto ofereceu-lhe um quadro a óleo, representando uma varina, e o pintor Pinto, da mesma cidade, outro quadro a óleo, representando um mendigo (FCB, AHCB, 1852: 98).

Temos vindo a referir o inventário orfanológico do Rei D. Fernando ao longo do trabalho e informa-nos que os serviços da Pena, o aparelho à francesa e o serviço das Necessidades foram adquiridos depois do dia 10 de Junho de 1869, data do casamento com a Condessa d'Edla como referimos. No entanto, os serviços da Pena foram reforçados depois do casamento e parece ter havido um lapso ou deliberadamente algum motivo para incluir estes e outros objectos comprados antes do casamento como comprados depois, visto termos localizado as respectivas facturas e documentação coeva de determinados bens.

Um exemplo flagrante é o serviço de mesa e sobremesa em *china opaca*¹ com *guardilla azul y oro, corona y iniciales*² para 12 pessoas (PNP, inv.s PNP2748/1 a PNP2748/24) e adquirido em 1857 (FCB, AHCB, 1857: 34) na Fabrica de la Cartuja de Sevilla de Pickman & Ca.³, encomendado aquando da visita do monarca à fábrica na visita que fez à Andaluzia. O segundo exemplo é uma cruz relicário em cristal de rocha com montagem de prata dourada (PNA, inv. 45192) e que é a mesma numa fotografia datada de 1866⁴ pelo fotógrafo britânico Charles Thurston Thompson (1816–1868), numa campanha levada a cabo pelo então South Kensington Museum de Londres, hoje Victoria & Albert, em Portugal e no Palácio das Necessidades. A cruz foi colocada no *Quarto de Cama* do rei nas Necessidades⁵ e foi depois arrolada em 1911 no Palácio da Ajuda⁶.

Estes são alguns exemplos que atestam certas discrepâncias na elaboração do referido inventário e cabalmente comprovados como existentes antes do casamento. Todavia, nos restantes bens foram correctos com determinados exemplares, como a cruz processional *de prata do XV seculo* com base em madeira adquirida ao dourador Martin Blumberg e segundo a factura datada de 27 de Fevereiro de 1862 (FCB, AHCB, 1862: 36)⁷, colocada no *Gabinete d'ElRey*⁸ e a maquina de uma cruz com Cristo de metal e coral vendida no dia 11 Fevereiro de 1873 pela comunidade do Convento da Visitação de Santa Maria ou das Salésias, através da Soror Mariana Josefa da Costa Sequeira, superiora do convento, ao rei (FCB, AHCB, 1873: 133) e provavelmente inventariada no *Quarto de Cama* nas Necessidades⁹, entre outros exemplos.

4. CONCLUSÕES

Neste trabalho conseguimos comprovar que os serviços Vista Alegre com o monograma do Rei D. Fernando II foram encomendados em 1867 à fábrica, foram usados no Palácio da Pena e foram posteriormente reforçados, através do cotejamento de documentação e das peças existentes em dois Palácios Nacionais. Os serviços atestam a elevada qualidade da pasta, o equilíbrio estético das formas e da exímia pintura manual que caracterizaram um período de profundo

¹ Designação literalmente traduzida da inglesa *opaque china* e que é um tipo de faiança fina e que foi empregue por muitas fábricas britânicas, como a Minton (1793–2005), a John & William Ridgway (1814–1830) e a Sampson Hancock & Sons (1870–1937), entre muitas outras.

² *Cercadura azul e ouro, coroa e iniciais*, tradução livre do autor.

³ Os serviços encontravam-se na *Cópa* e foram inventariados com o N.º 1332 (ANTT, 1887a: 549v. a 550).

⁴ No ano de 1867 o Rei D. Fernando adquiriu a Casimiro Cândido da Cunha, leiloeiro na rua Garrett n.º 87 1.º andar, uma cruz de cristal e prata e um calvário de marfim por 90\$000 réis, segundo a factura datada de 29 de Agosto e com o valor total, incluindo 5% de comissão, de 94\$500 (FCB, AHCB, 1867: 42). No inventário orfanológico foi elencada com o N.º 2379 no *Quarto de Cama* uma cruz em cristal de rocha com Cristo e montagens em prata, com 29 cm de altura, e informam-nos que foi adquirida antes do casamento (ANTT, 1887a: 845v.). A cruz foi inventariada na categoria de *Ouro, prata e pedras preciosas / Objectos adquiridos antes do dia 10 de Junho de 1869* e assim como a segunda peça aqui referida.

⁵ Foi inventariada com o N.º 2605 (ANTT, 1887a: 899v. a 900) na categoria de *Ouro, prata e pedras preciosas / Objectos adquiridos depois do dia 10 de Junho de 1869* e única aqui referida.

⁶ A cruz foi guardada na *Quarta casa*, K" N.º 95, do Palácio da Ajuda e na sua descrição o particular da Rainha D. Maria Pia, Pedro Carlos de Moura Dias, referiu que foi comprada pela rainha em Lisboa, mas não localizamos, ainda, qualquer documento sobre esta consecução (APNA, 1911: 1862 a 1862v.).

⁷ Martin Blumberg tinha o seu estabelecimento comercial na rua Áurea n.º 226 em Lisboa. A cruz teve o valor de 450\$000 e a base de 50\$000. Na mesma factura o monarca adquiriu 1 contador com inscruções de marfim, por 100\$000, e 1 escudo romano, por 20\$000. Sobre a colecção de ourivesaria do Rei D. Fernando ver a obra recentemente publicada e denominada "*Propriedade Minha*": *ourivesaria, marfins e esmaltes da coleção de D. Fernando II* da autoria do Doutor Hugo Xavier (Xavier, 2022).

⁸ Inventariada com o N.º 2469 (ANTT, 1887a: 866v.).

⁹ A maquina de uma cruz com Cristo de metal e coral vendida no dia 11 Fevereiro de 1873 pela comunidade do Convento da Visitação de Santa Maria ou das Salésias, através da Soror Mariana Josefa da Costa Sequeira, superiora do convento, ao rei (FCB, AHCB, 1873: 133) e provavelmente inventariada no *Quarto de Cama* nas Necessidades⁹, entre outros exemplos.

aperfeiçoamento e investimento que a então Real Fabrica de Porcelana da Vista Alegre incrementou. Reflectem também o gosto coevo por uma decoração mais contida e sóbria para realçar as formas das tipologias, complementadas pelas composições florais e de frutos no serviço de sobremesa e em determinadas peças para servir, enriquecendo assim cromaticamente o conjunto e sem o sobrecarregar¹ como era seguido em França. Demonstrando cabalmente que a fábrica e o casal estavam bem informados das últimas novidades e estavam o mais moderno possível², de acordo com a análise comparativa aqui encetada.

Na mesma encomenda foi contemplado um *aparelho à francesa* com as armas reais e uma original decoração greco-romana/neorrenascentista, mas foi vendido em leilão no ano de 1892 e parte das suas tipologias parecem estar actualmente no Museu Vista Alegre. Efectivamente, na mesma instituição há dois pratos datados de 1866 que, aparentemente, serviram como ensaios para os serviços do Rei D. Fernando; um apresenta uma decoração bastante moderna e a do segundo é mais convencional e inspirada nos congéneres setecentistas. Esta última é composta por uma faixa de cor sólida, ladeada por ornatos, e no sentido axial folhagens com o monograma coroado do monarca. No entanto, nenhuma das duas foi seguida na versão dos serviços finais. No mesmo acervo conseguimos identificar um prato com a mesma data, o mesmo recurso a uma faixa de cor ladeada por decorações e as mesmas folhagens, mas com o monograma E.H. e que parece ser o de Elisa Hensler, futura Condessa d'Edla, ou seja, ambos demonstraram ter serviços com as mesmas características, embora com cores diferentes, reforçando assim uma total sintonia nos mesmos gostos. O prato tem uma faixa carmesim e coincide com a descrição dos serviços encomendados no mesmo ano para a Condessa d'Edla e posteriormente elencados no Palácio das Necessidades, mas foram igualmente leiloados na mesma data e não sabemos se

optaram pela mesma decoração na versão final. Na mesma encomenda foi realizado um *aparelho à francesa* para a condessa e cujo paradeiro desconhecemos.

Os serviços adquiridos pelo Rei D. Fernando e pela Condessa d'Edla, demonstram que se interessavam pelos produtos da Vista Alegre e tal propensão intensificou-se pelas posteriores consecuições, pelas peças de uso quotidiano e pelas decorativas que reuniram no Palácio das Necessidades e no Palácio da Pena, conjuntamente com outras antigas e coevas, em variadas pastas, de outras fábricas, manufacturas e artistas europeus. Também reuniram exemplares provenientes da China, do Japão, do México, de escavações arqueológicas em território europeu e dos Estados Unidos da América, amplificando assim o interesse que tiveram pela cerâmica e por outras culturas. A reunião deste extraordinário acervo reflecte um gosto abrangente e era demonstrativo de um espírito culto, muito bem informado das peças que eram já consideradas de valor artístico e das últimas tendências em voga.

A maioria das peças decorativas e utilitárias em cerâmica que pertenceram ao Rei D. Fernando e à Condessa d'Edla desapareceram, mas felizmente sobrevivem na documentação levantada e que damos aqui a conhecer uma parte ainda pouco explorada na historiografia portuguesa, cujo mote foram as encomendas à Real Fabrica de Porcelana da Vista Alegre.

REFERÊNCIAS

FONTES DOCUMENTAIS

ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO (ANTT)

ANTT, Ministério da Fazenda, Cx. 7808, *Arrolamento do Castello da Pena*, 1910.

¹ Em detrimento de decorações excessivas que as ofuscam.

² De facto, no mesmo período o Rei D. Fernando empreendeu uma relevante campanha de redecação de vários espaços interiores no Palácio das Necessidades e no da Pena, actualizando-os ao gosto em voga.

ANTT, Ministério da Fazenda, Cx. 7808, *Inventário dos moveis existentes no Palacio Nacional da Pena, 2 de Janeiro de 1941*, 1941.

ANTT, Ministério da Fazenda, Cx. 7808, *Inventário dos moveis existentes no Palacio Nacional da Pena, 21 de Outubro de 1938 a 31 de Março de 1939*, 1938 a 1939.

ANTT, Ministério da Fazenda, Cx. 7808, *Inventário dos moveis existentes no Palacio Nacional da Pena em Cintra, 14 de Julho de 1919*, 1919.

ANTT, Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa, 1770–1999, B Cível, X 6.^a Vara 4.^a Secção, *Inventário Orfanológico Rei D. Fernando II*, 2.^o Vol., 1887a.

ANTT, Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa, 1770–1999, B Cível, X 6.^a Vara 4.^a Secção, *Inventário Orfanológico Rei D. Fernando II*, 3.^o Vol., 1887b.

ARQUIVO PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA (APNA)

APNA, *Republica Portuguesa. Serviço de Justiça. Autos civeis d'arrolamento dos bens moveis existentes no Paço d'Ajuda, que era habitado pela ex-rainha D. Maria Pia e por seu filho D. Affonso*, 1911–1914.

ARQUIVO PALÁCIO NACIONAL DA PENA (APNP)

APNP, *Direcção Geral da Fazenda Pública / Repartição do Património / Cadastro dos Bens do Dominio Público / Distrito de Lisboa / Concelho de Sintra*, 1938, PNP, inv. PNP1408.

APNP, *Inventário dos Moveis e mais objectos existentes nas Reaes Propriedades da Pena 1897*, 1897, PNP, inv. PNP678.

APNP, *Inventário dos Moveis e mais objectos existentes nas Reaes Propriedades da Pena / Novo Inventário em 1907*, 1907, PNP, inv. PNP678.

FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA, ARQUIVO HISTÓRICO CASA DE BRAGANÇA (FCB, AHCB)

FCB, AHCB, *Inventario do Real Palacio da Pena. Março de 1874*, 1874, Nova Numeração Geral (NNG) 2681.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, 1857 *Fevereiro Documentos de Despeza*, 1857, NNG 2681, doc. 34.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, 1862 *Fevereiro Documentos de Despeza*, 1862, NNG 3331, doc. 36.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *Documentos de despeza de Sua Magestade El Rei o Senhor D. Fernando, em Setembro de 1867*, 1867, NNG 3342, doc. 42.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, 1873 *Fevereiro Documentos de Despeza*, 1873, NNG 3353, doc. 133.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, 1877 = *Dezembro Documentos de despeza*, 1877, NNG 3363, doc. 59.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, 1878 = *Junho Documentos de despeza*, 1878, NNG 3364, doc. 51.

FCB, AHCB, Secretaria Rei D. Fernando II, *Sua Mag.de El Rey Caixa [N.º 5]*, 1852, NNG 3511.

BIBLIOGRAFIA

Andrade, Maria do Carmo Rebello de (2009). Paul Sormani e o estilo Luís XV. Os móveis preferidos da rainha D. Maria Pia. *Revista de Artes Decorativas*, 3, 193–230.

Arez, Ilda (1999). *Vista Alegre, portuguese porcelain*. Estar.

Barbuy, Heloisa (2019). Um sistema comercial-cultural de importação de porcelanas de mesa francesas no Brasil do século XIX. *Varia Historia*, 35(67). Consultado em 18 Set. 2022. http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752019000100275&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

Catalogo (1892). *Catalogo dos Bens Mobiliarios Existentes no Real Palacio das Necessidades pertencentes á herança de Sua Magestade El-Rei D. Fernando e que hão de ser vendidos em leilão*. Typographia Belenense.

Correia, Cristina Neiva (2008). *Quelques petits souvenirs de Sèvres*. Elementos para o estudo do acervo cerâmico do Palácio Nacional da Ajuda. *Revista de Artes Decorativas*, 2, 85–122.

Correia, Cristina Neiva (2019). M de Maria, entre flores, frutos, aves e retratos... O serviço das festas. In Soares, Clara Moura, Malta, Marize (Eds.), *D. Maria II, princesa do Brasil, rainha de Portugal: Arte, Património e Identidade* (pp. 165–174). ARTIS Press.

Desti, Marc (2009). Pièces de service du palais de l'Elysée. In Desti, Marc, Rolland-Villemot, Bénédicte (com.), *À la Table d'Eugénie. Le service de la Bouche dans les palais impériaux* (pp. 57–58). Editions de la Réunion des musées nationaux.

Desti, Marc (2009). Service fond bleu agate (service de la table du roi). In Desti, Marc, Rolland-Villemot, Bénédicte (com.), *À la Table d'Eugénie. Le service de la Bouche dans les palais impériaux* (pp. 84–86). Paris: Editions de la Réunion des musées nationaux.

Didot-Bottin (1855). *Annuaire général du commerce et de l'industrie ou Almanach des*

500,000 adresses, classees 1º par ordre alphabétique; — 2º par professions — 3º par rues et numéros. Firmin-Didot Frères, Fils, et Cie.

Fevereiro, António Cota (2019). A Sala de Marmore no Palácio Nacional da Ajuda. *Revista de Artes Decorativas*, 7, 181–212.

Frasco, Alberto Faria (2005). *Mestres pintores da Vista Alegre*. Figueirinhas.

Gomes, João Augusto Marques (1883). *A Vista Alegre. Apontamentos para a sua história*. Typographia Commercio e Industria.

Gomes, João Augusto Marques (1924). *A Vista Alegre. Memória Histórica*. Minerva Central.

Grand Dépôt (1885). *Grand Dépôt de Porcelaines, Faïences & Verreries. E. Bourgeois 21, Rue Drouot Paris*. Imp. Charles Verneau.

Monte-Cristo (Eugenio Rodríguez Ruiz de la Escalera), Franzen y Nisser, Christian (1898). *Los Salones de Madrid*. El Álbum Nacional.

Reis, Ana Maria Batalha, Louro, Francisco de Carvalho (1987). *Porcelana europeia reservas do Palácio Nacional da Ajuda*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Xavier, Hugo (2022). *“Propriedade Minha”: ourivesaria, marfins e esmaltes da coleção de D. Fernando II*. Parques de Sintra — Monte da Lua.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Conflito de interesses: Nada a declarar. **Financiamento:** Artigo com o apoio da FCT através do financiamento ao ARTIS/IHA, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (UIDB/04189/2020).

Revisão por pares: Dupla revisão anónima por pares.

ARTIS
INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



Todo o conteúdo da [Herança – Revista de História, Património e Cultura](#) é licenciado sob *Creative Commons*, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.